

Mosaico

Lucas M. Carvalho

Era quarta lua de Ramadã do ano de 1298 depois da Hégira, quando o embrulho chegou (só o soube quatro dias depois, pois orientei aos empregados que não perturbassem os primeiros dias do jejum). Ao pôr-do-sol, logo depois do Iftar, costumava eu, naquela época, ao fim de um longo dia de meditação, pôr-me à luz das velas e compor poemas dedicados à grandiosidade de Alá. Naquela noite, mal escrevera a Chahada (*não há outro deus senão Alá; Maomé é seu profeta*), quando vi, sobre a mesa no centro da ampla sala, um pacote cuidadosamente vedado em papel pardo. O esmero da caligrafia despertou meu genuíno interesse. O embrulho não tinha endereço de remetente, o que indicava que tinha sido depositado pessoalmente em minha caixa de correio, mas estava assinado por Yusuf Abdul Quadir, nome que não me era de todo estranho.

Dentro, uma breve carta (escrita na mesma impressionante arte caligráfica) elogiava-me pela minha coleção de mosaicos, assim como por meus livros e artigos sobre o assunto. Depois, uma grande folha desdobrava-se em uma complexa genealogia com mais de cinquenta gerações, mostrando que eu e o tal Yusuf tínhamos ancestrais em comum. Impressionei-me com o presente, que ouro algum poderia ter comprado. No fim da carta, contudo, um estranho aviso precisou ser lido quatro vezes:

Apesar de seu profundo entendimento sobre o assunto, está errado. Procure Abde Nur Ad-Din Almumine.

Aquele aviso intrigou-me por dias. Nos meus passeios à tarde, pelos pátios de minha casa, olhei os vastos mosaicos: as próprias paredes e arcos e corredores, todos decorados com pedras de mil cores, assim como as porcelanas. Ao sair pelas ruas estreitas de Fez, conversei com sábios e mercadores; era injustificável que eu houvesse dedicado minha vida ao estudo de algo, e um estranho ouse dizer-me que eu estava errado. Perguntei pelo nome de Yusulf Abdul Quadir, para conversar mais a respeito, mas ninguém o conhecia. Acabei cedendo ao conselho, e quando me dei conta perguntava pelo tal Abde Nur Ad-Din Almumine, sem sucesso. Senti que alguém zombava de mim.

Busquei, por fim, nos lugares óbvios: em meus livros e meus estudos, afinal a sonoridade do nome também causava familiaridade. Em *A Arte dos Mosaicos Marroquinos Através do Tempo*, após uma longa análise da composição mineral e da lapidação das pedras, e da explicação de que a proibição de representar seres vivos na arte fez com que os fiéis usassem padrões geométricos distintos, é apresentada uma grande lista de artesãos. Surpreendi-me ao ver que, mesmo tendo sido compilada por mim, eu pouco me lembrava daqueles nomes; de modo que era bem possível que ali estivesse o de Abde Nur Ad-Din Almumine. Mas não estava. Procurei depois no novo compêndio genealógico, e descobri que eu descendia dos antigos reis persas, muito antes da Revelação, na época em que andavam com Djins e Golens no deserto, e lideravam exércitos de centenas de milhares contra os babilônios e os gregos, até remontar ao tempo de Ismael e do pai Abraão, e daí ao dilúvio, a Enoque, e por fim à Criação. Mas não encontrei o nome de Abde Nur Ad-Din Almumine.

O mês de Ramadã terminava, e eu já escrevera dezesseis poemas (a essa altura já esquecera parcialmente da estranha carta), quando um segundo embrulho, assinado pelo mesmo Yusulf Abdul Quadir, caiu em minhas mãos. Dessa vez trazia um livro impresso, um romance publicado há vinte anos chamado *Almakan* (O Lugar), que vinha inclusive com uma página manuscrita

do original dobrada na folha de rosto. A carta, dessa vez, explicava que o autor levava quatorze anos escrevendo-o, mas cometeu suicídio pouco antes de concluí-lo; e tudo o que foi encontrado foram anotações caóticas publicadas postumamente por seus filhos. A recepção do romance pela crítica foi medíocre.

Esperei o final do Ramadã para começar a lê-lo. Logo na primeira página, o nome de Abde Nur Ad-Din Almunine é citado como o protagonista. Senti raiva por ter buscado com tanto anseio o nome de um personagem fictício de um romance pouco conhecido, mas isso não impediu minha curiosidade. Ao ler as cem primeiras páginas, senti-me ofendido: o livro era terrível, desconexo, fragmentado. Abde, no primeiro capítulo, é um mercador de camelos em Bagdá, subitamente atacado por salteadores. No segundo capítulo, Abde é servo de Jshayar Shah (Xerxes I) seis séculos antes. No terceiro capítulo, é um teólogo que discute metafísica aristotélica com Averróis em Al-Andalus mais de mil anos depois. Neste ponto, abandonei a leitura e retomei meus afazeres comuns.

Cerca de um ano se passou, e novamente entramos no mês do Ramadã. Numa noite calma, ao agradável som das fontes e sob a lua crescente, vi um artigo de jornal que resenhava o *Almakan*. O crítico taxava o romance como “o mais sem sentido produzido na língua da Revelação” e “um insulto ao leitor”, sem respeitar ordem de tempo, espaço e personagem. Concordei com cada palavra. O artigo, pelo menos, trazia o nome do autor, que em minha edição tinha sido raspado. Imediatamente soube que o nome era familiar. Ao chegar em casa, vasculhei na complexa árvore genealógica e encontrei-o: era um tio não muito distante. Não fiquei surpreso.

Como que por obra do destino, recebi naquela mesma semana um terceiro embrulho de Yusulf Abdul Quadir. A carta, dessa vez, era mais breve, mas com a mesma esmerada caligrafia que sempre me impressionava. Dizia que viria até minha casa naquela mesma noite e que tudo seria esclarecido.

Mandei que se preparasse um banquete, e que os servos e esposas se retirassem, deixando espaço e tempo para conversarmos. Naquela noite, esperei por horas. Listei mentalmente uma série de perguntas sobre o mistério que durava mais de um ano. Confesso que senti raiva. Tanto tempo demorou o convidado, que peguei distraidamente a edição do *Almakan* e comecei a ler. Retomei na discussão teológica com Averróis do terceiro capítulo. Abde explica que o mundo é feito de fragmentos combinados, que tudo o que existe existe em relação a algo. Se um objeto é isolado, só pode ser observado a partir de suas partes menores; e o tal objeto só pode ser completamente entendido se for dividido a tal ponto de não existir mais. Havia a ilustração de um mosaico, no qual cada peça é, na verdade, um mosaico menor, e assim até o infinito. Averróis discorda, mas antes que possa dar seu argumento, o capítulo acaba.

No capítulo seguinte, Abde é filho de um sultão pouco antes de o Estreito de Gibraltar ser tomado pelos portugueses. Acometido por uma febre, enlouquece. Seu pai nega-lhe o reino, mas oferece-o riqueza; Adbe viaja para Fez, no Marrocos, e dedica a vida à construção do mundo dentro do mundo, tornando-se infiel e ousando ser como o Criador. Dedicase à composição de um mosaico que, dentro dele, há símbolos suficientes para representarem todas as coisas. O mosaico cobre o chão de um palácio, mas, segundo ele, ainda não representa uma folha verde com todas as suas fibras. Dedicase a montar mais composições complementares, dessa vez nas paredes. Depois ordena a construção de outros palácios ao redor do seu, sendo cada um deles a peça de um maior mosaico, sendo a cidade, vista do Céu, uma composição vista apenas por Deus. Pensa em como faria para mover continentes, e depois os astros, para continuar o processo. Decide que a obra estaria completa quando citasse os noventa e nove nomes de Deus, mas morre sem ter conseguido citar o primeiro.

No capítulo seguinte, Adbe já não é esse homem, mas é o autor que escreve o *Almakan*, e antes do fim do capítulo, consuma o suicídio. Encostei o livro, levantei-me e fui á porta. O convidado não chegara.

Decidi que iria dormir e abandonar definitivamente o tolo assunto. Mas, para minha infelicidade, continuei a ler no decorrer da noite, até que, onze capítulos depois, perto do raiar do dia e da retomada do jejum, cheguei ao capítulo derradeiro, e mais estranho. Nele, em Al-Andalus, Adbe é Averróis, e prossegue no debate teológico respondendo a si mesmo, continuando exatamente do ponto no qual o terceiro capítulo findara. Explica-lhe que é impossível ao homem obter tal compreensão, e diz que cada homem é o reflexo de outro com pequenas distorções, de modo que todos os homens são o mesmo, e todas as coisas são as mesmas, perpassando infinitos universos, cada qual sendo uma peça que se combina para compor uma grande malha, que ainda é o mesmo.

Larguei o livro. Olhei para a coluna em frente, perguntando-me se cada uma daquelas pedras seriam a própria totalidade da coluna, ou toda casa, ou toda Fez, ou o Marrocos, a África, o mundo. Se seria eu. Se seria eu em todos os lugares e em todos os tempos, e se eu estaria em cada uma daquelas peças, ou nos universos menores dentro delas.

Sobre a mesa, peguei a primeira carta de Yusuf Abdul Quadir. Não longe dali, os dezesseis poemas que compus há um ano. Por fim, abri na folha de rosto do *Almakan* e reli o manuscrito.

Todas eram minha caligrafia.